

Cardoso garante que reforma será aprovada

■ Em reunião com empresários chilenos, presidente prevê abertura da economia brasileira e afirma que prosseguirá privatizações

Santiago — Reuter

DORA KRAMER

SANTIAGO — O grupo de empresários chilenos integrantes da Sociedade de Fomento Fabril (uma espécie de CNI brasileira) obteve do presidente Fernando Henrique Cardoso a garantia de que o Brasil abrirá sua economia aos investidores estrangeiros e dará prosseguimento — “de forma transparente e responsável” — ao programa de privatizações. O presidente reconheceu o erro de uma “Constituição com amarras”, mas traçou um quadro otimista para o futuro.

Fortemente interessados em investir no Brasil e bem informados sobre os debates em torno das reformas constitucionais, os empresários ouviram de Fernando Henrique a certeza de que as reformas serão feitas, “porque a maioria da sociedade e do Congresso é favorável a elas”.

Números — Depois de um breve relato sobre o plano de estabilização econômica, Fernando Henrique apresentou números que demonstram a retomada do crescimento e do interesse da iniciativa privada em investir — citando especificamente o caso da indústria automobilística — o presidente acenou com a possibilidade de, em 1995, o Brasil atingir taxas de crescimento econômico em torno de 7% a 8%, contra 5,7% no ano passado. Ressalvou, no entanto, que este processo deve ser contido para que não haja desequilíbrios e a estabilização não corra riscos.

O presidente da Sociedade de Fomento, Pedro Lizana Greve, falou sobre as vantagens de um modelo econômico como o do Chile, que há 20 anos adota a política privatista e de abertura ao capital estrangeiro e disse que “à distância” acompanha este processo que



Fernando Henrique distribuiu apertos de mão junto com Eduardo Frei na visita a um bairro de Santiago

agora se inicia no Brasil. “Não se concebe progresso em países que não abram suas economias ao mercado mundial”, disse ele, manifestando desejo de formar um grupo de empresários para viajar ao Brasil e acompanhar de perto o processo.

Fernando Henrique colocou-se à disposição para recebê-los e disse que não só o Brasil deseja seus investimentos, como o país tem mercado e potencialidades suficientes para isso. O presidente citou, propositadamente, os setores que mais interessam aos chilenos e que,

hoje, são estatais: telecomunicações e energia elétrica. Dos cinco bilhões de dólares que os chilenos têm investidos no exterior em capital privado, mais de três estão na Argentina, onde controlam o sistema de distribuição de energia.

Atento ao fato de que os empresários chilenos nem sempre estão cientes das especificidades brasileiras — principalmente a que, no Chile, a abertura econômica se deu sob um regime ditatorial e com níveis espetaculares de desemprego

(chegou a 30% em 1982) —, Fernando Henrique abordou a questão democrática sem, no entanto, apontar a democracia como entrave.

“No Brasil não se pode dizer uma coisa e fazer outra, não se pode errar, a sociedade vigia e não pode ser enganada. Por isso, precisamos de tempo”, encerrou.

Na página 7, a crítica de Cardoso ao FMI